



Coberturas em Telejornalismo¹

Cárlida EMERIM²
Antonio BRASIL³

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo

Desde o surgimento da televisão no Brasil, as grandes coberturas fazem parte da rotina desta mídia. Mas poucos estudos se dedicam a propor uma discussão e teorização sobre este tema. Está-se diante de dificuldades conceituais, de definições mais operacionais, alicerçadas pela prática cotidiana da produção televisiva. Afinal, o que caracteriza ou distingue a “grande” cobertura telejornalística das coberturas “regulares” ou “cotidianas”? O presente artigo propõe apresentar as primeiras discussões dos autores acerca do tema examinando as especificidades deste tipo de produção na estruturação do telejornalismo brasileiro.

Palavras-chave: Telejornalismo, Teoria do Jornalismo, Cobertura Televisiva, Cobertura Internacional, Produção ao vivo.

1. Considerações sobre o tema

A televisão no Brasil surgiu ao vivo e em tempo real, sendo assim, pode-se dizer que sua característica mais essencial é este tipo de produção. De um modo geral, a mídia televisiva vem construindo, ao longo do tempo, regras constitutivas da “cultura audiovisual”. Por isso, é familiar aos telespectadores a noção da transmissão ao vivo de eventos e programas em televisão. E, quando se fala em transmissão ao vivo, de imediato, se compreende que ali será exibido uma grande cobertura. Assim, no senso comum, grandes coberturas e transmissões ao vivo estão intimamente ligadas. Diante desta constatação abrem-se algumas questões as quais este trabalho quer começar a discutir: (1) o que são coberturas televisivas; (2) o que diferencia uma grande cobertura

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na cidade de Recife, em 2011.

²Jornalista, Mestre em Semiótica, Doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE); carlidaemerim@gmail.com – giptele@gmail.com

³Jornalista, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Ciência da Informação, professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); líder adjunto do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTLE); antonibrasil@gmail.com



de uma cobertura pequena ou, menor; (3) pode-se falar em formatos de cobertura; (4) os fatos interferem na natureza de uma cobertura; (5) o **ao vivo** é sempre uma grande cobertura; (6) quem define se um acontecimento será ou não recoberto em profundidade: o público, o jornalista, os critérios de seleção dos acontecimentos a serem recobertos, enfim, são muitos questionamentos que são recursivos.

Nos últimos anos o interesse dos estudos acadêmicos que privilegiam a televisão, mais especificamente, o telejornalismo, tem percebido que há muitas questões a serem definidas e discutidas em prol de uma teorização do campo, carente de discussões sérias e lúcidas, sem preconceitos e ranços ideológicos. Pois eis que, embora se propague muitas análises sobre a qualidade das coberturas efetuadas pelo telejornalismo brasileiro, de modo geral, poucas teorizações e/ou conceituações são propostas: há um espaço para se discutir e teorizar, de forma mais conceitual, estas emissões específicas que, como já se apontou, fazem parte da história narrativa da televisão brasileira. Assim, o presente artigo busca, neste primeiro momento, mais do que responder a questões, mas a construir um espaço de teorização sobre este tipo de produção televisiva que hibridiza muitas das práticas cotidianas da produção de notícia via televisão. O objetivo é apresentar um percurso teórico na expectativa que as contribuições coletivas possam aprofundar e mapear caminhos a serem seguidos. Como já se apontou no resumo, serão aqui apresentadas às primeiras discussões dos autores acerca do tema propondo examinar as especificidades deste tipo de produção, ensaiar uma proposta de tipologia dessas ocorrências e prospectar aportes para o aprofundamento da prática destas coberturas na mídia televisiva contemporânea e sua estruturação no telejornalismo.

2. Dos conceitos e definições

Se o natural da televisão é o **ao vivo**, como já se apontou, então, pode-se presumir que o que mais a televisão “sabe fazer” é o ao vivo. Tanto é verdade, que segundo Yvana Fachine (2001), a televisão trabalha essencialmente com dois tipos de acontecimentos para serem recobertos: os *extratelevisivos*, que ocorrem sem o planejamento da tevê (acidentes, catástrofes, imprevistos, etc.). E, seguindo a perspectiva de Fachine, existem ainda os *televisivos*, que são produzidos pelas tevês (programas e *shows*/eventos, organizados para serem apresentados pela televisão). Para dar cobertura a cada um desses tipos de eventos, a televisão possui rotinas produtivas



diversas, bem estruturadas, que definem regras e procedimentos a serem seguidos. Em tempo, tragédias ou desastres é o grande momento de qualquer tipo de jornalismo, ainda mais na tevê. Muito embora, na atualidade, “a moda” seja explicar aos telespectadores os processos técnicos que a televisão opera para transmitir as atrações que oferece, talvez seja um pouco mais complexo compreender ainda a natureza dessas transmissões: se ocorrem em direto ou não, em tempo real e simultâneo a sua ocorrência. A definição da terminologia *transmissão direta, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência* foi apresentada por Elizabeth Bastos Duarte, no livro *Televisão: ensaios metodológicos*, de 2004 e refere-se àquele tipo de transmissão dos acontecimentos que se dá ao vivo, sem cortes e em tempo real, ou seja, com exibição em tempo simultâneo à ocorrência do acontecimento.

Com base nesta premissa, pode-se ampliar esta noção e afirmar que **uma transmissão ao vivo em televisão é uma operação técnica que permite produzir e apresentar eventos simultaneamente à sua ocorrência**. E, o termo *gravação ao vivo* pode ser definido como um tipo de procedimento de registro, sem cortes e sem montagem em ilha de edição. Essas operações – gravação ao vivo e transmissão direta, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência – são recursos muito utilizados hoje em dia pelas emissoras, na tentativa de agradar aos telespectadores mais exigentes que, às vezes, mesmo sendo observadores atentos, não conseguem diferenciar entre um tipo ou outro de emissão, percebendo ambos como “ao vivo”. Esse processo de apresentação simultânea dos acontecimentos constrói o que Martin-Barbero chama de *retórica do direto* (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 294), que consiste num *dispositivo que organiza o espaço da televisão sobre o eixo da proximidade e da magia do ver*. Para Barbero, essa proximidade se dá pela edição funcional, sustentada exatamente pelos efeitos que a *gravação ao vivo* produz, sendo ela **gravada ao vivo, para posterior exibição, ou exibida em simultâneo**: o principal efeito de sentido produzido é o da **imediatez**, que é um dos traços que dão forma ao cotidiano. E, por isso, essas formas de gravação ao vivo e transmissão direta, em tempo real e simultâneo ao do acontecimento, são tão fortes na persuasão do telespectador, pois resultam da construção de:

Um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 295)

Na próxima secção, a perspectiva é a de tentar propor um conceito para o que se pode definir como cobertura em telejornalismo. Para dar conta do propósito, recorrer-se-á a experiência profissional dos autores bem como alguns manuais de produção de telejornalismo e, ainda, publicações analíticas e críticas, recentes, sobre as coberturas da mídia televisiva, publicadas em jornais, revistas e sites que se propõem a monitorar, analisar e criticar as produções e emissões da televisão. Reunindo estas diferentes acepções, tentar-se-á articular conceitos e tipologias.

2.1 Coberturas em telejornalismo

De imediato, a questão que se enfrenta é a da própria definição do termo **cobertura**. Assim, recorrendo à experiência profissional e aos manuais de produção, pela aceção mais comum e tradicional da área televisiva, **cobertura** corresponde **ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado**. Porém, há também a aceção mais técnica que indica o termo cobertura a ser compreendido como **área de cobertura**, que se define pelo *espaço geográfico ou virtual de abrangência*, ou *espaço recoberto* ou *alcance de sinal da emissora*. Na atualidade, é comum nas redações designar **cobertura** para praticamente **todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens**, ou seja, **que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central**. Mas, parece haver outra questão a enfrentar: grandes coberturas são a mesma coisa que coberturas grandes? Transmissões ao vivo do local dos acontecimentos são sinônimos de grandes coberturas? Sim e não. Grandes coberturas não são, necessariamente, coberturas grandes, pois, aqui, podem-se dividir os termos sob duas compreensões distintas: uma seria conceitual e a outra temporal.

Assim, **uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas** ou, pelo menos, **as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística**. **Uma cobertura grande**, por sua vez, **remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta**. Porém, pode-se ter, também, uma grande cobertura – cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande – com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo. E, em todas estas “modalidades” pode-se empregar a transmissão ao vivo no modo de contar



um tema/acontecimento ou não, ou seja, gravar o material e exibir posterior a sua ocorrência. Diante do exposto até aqui, pode-se entender, então, que as coberturas televisivas, sejam elas grandes coberturas, coberturas grandes ou, simplesmente, a cobertura de um acontecimento, podem ocorrer de forma **retrospectiva**, sendo então, aquelas que iniciam pelo próprio acontecimento ou de forma **prospectiva**, aquelas cuja ocorrência é provável. Nas coberturas televisivas **retrospectivas**, as equipes partem do acontecimento para então buscar as informações, as relações de causa, meio e fim que envolve o fato. Como por exemplo, as produções televisivas resultantes da cobertura dos Tsunamis (Ásia), do Sequestro do ônibus 174 (Brasil), a cobertura do segundo dia em diante do seqüestro da adolescente Eloá (Brasil). As **prospectivas** consideram as probabilidades, latências e tendências e permitem as equipes planejar a execução da cobertura. Como por exemplo, as eleições brasileiras; os eventos Olímpicos/Para-Olímpicos; a Copa do Mundo de Futebol/Volibol/Tênis entre outros; as Guerras como a que ocorreu contra o Iraque (2003); o julgamento do Caso Nardoni (Brasil); a posse de Barack Obama (EUA); etc.

Outra premissa que se pode elencar é que as grandes coberturas são formadas por fatos que tem maior relevância e abrangência para a sociedade. Ou seja, notícias que mexem com a rotina das pessoas, que suscitam o interesse e se tornam temas principais da sociedade. E, quem define esta importância, na maioria das vezes, são os próprios telejornalistas, os editores que decidem apertar o botão e interromper a programação para noticiar um fato, as emissoras ou, ainda, o próprio acontecimento, ou seja, a natureza do fato ocorrido. Nesta direção, podem-se agregar, também, as coberturas de temas comuns, que acontecem todos os anos, mas que são construídas a partir da criação de grandes expectativas junto ao público tais como as já citadas eleições, o carnaval, os campeonatos de futebol (em diferentes níveis), as festas populares de cada região, estado ou nação, entre outros. Sobre estas coberturas, lembra-se que embora várias emissoras dediquem-se a pautar estes acontecimentos, até a atualidade, nenhuma delas diferenciou-se do modelo hegemônico lançado pela **Rede Globo de Televisão (RGT)**⁴. Um modelo de estrutura que se funda na valorização do aparato tecnológico envolvido, nas edições e/ou efeitos possíveis e na seleção de especialistas “comentaristas” para aumentar o tempo de inserção do acontecimento. No caso do carnaval brasileiro, por

⁴ É quase um consenso entre pesquisadores da área de que durante muitos anos, no Brasil, a RGT obteve o monopólio de transmissão sobre muitos eventos não só pelo aparato tecnológico que investia como também pelas relações políticas e econômicas que estabelecia.



exemplo, escolas de samba no Rio de Janeiro e em São Paulo ou trios elétricos pelas ruas de Salvador ou Recife, o telespectador que não pode estar presente nos locais dos eventos fica refém das mesmas cenas, da mesma condução narrativa e dos mesmos comentários. Tudo começa pelas imagens, grandiosas, ou seja, muitos planos gerais e abertos, mostrando os locais, o público presente, cenas que são intercaladas e entrecortadas por planos mais fechados, planos médios, em detalhes ou closes, de situações pitorescas, exóticas e eróticas (e, em maioria, inadequadas e sem informação relevante). Cenas por vezes de mau gosto, mas que além de serem exibidas por um período longo na emissão, repetidamente, também retornam num efeito tipo *flashback*, por sobre alguma figura virtual (parte integrante da pirotecnia tecnológica) como um pandeiro, uma mulata sambando ou outra alegoria simbólica do carnaval tradicional. E, ao observar, também, as outras emissoras quando estas realizam coberturas de carnaval, suas vinhetas exibem as mesmas “roupagens”, com mais ou com menos efeitos tecnológicos, repetindo imagens em grandes planos das ruas, das pessoas, das alegorias e dos trios elétricos, se for o caso. Planos mais fechados, detalhes e closes, são dedicados a rebolados, beijos emocionados, abraços e, enfim. Enquanto essas cenas são exibidas, os narradores-condutores, os comentaristas e os repórteres dedicam-se a pautar/entrevistar/reportar “os quem”, ou seja, a garimpar no meio da folia os famosos ou não tão famosos (mas que já fazem parte do circuito midiático) para emitirem suas opiniões e pareceres “técnicos” sobre o evento e, muitas vezes, sobre a própria cobertura que esta sendo realizada.

Quanto às informações elas não parecem ser inéditas, afinal, durante o pré-carnaval, são tantos programas temáticos, tantas reportagens nas concentrações e barracões, tanta badalação sobre os ritmos e “passinhos da hora”, que, nos dias no evento, esgotaram-se as informações novas. Tudo já foi adiantado, aprofundado, dito e esmiuçado. O que resta? Num carnaval *hi-tec* pela televisão, ninguém sabe quando a imagem é verdadeira ou virtual e, assim, sobra tecnologia, o *poder* de *ter* e de *fazer* a melhor imagem, mas a imagem técnica, meramente ilustrativa, isenta de informação. Ou seja, um show pirotécnico com poucas informações que possam contribuir para a compreensão do desfile das Escolas de Samba enquanto evento cultural, social e econômico. Mas, infelizmente (ou não), os índices de audiência ou a falta de opções garantem a repetição deste tipo de modelo de “grande” cobertura televisiva. E é assim no futebol, no vôlei, na festa de Parintins, no Sírrio de Nazaré e em todos os eventos locais, regionais que se moldam pelo mesmo formato e estrutura recursiva tecnológica,



dependendo a diferença, apenas, da condição financeira da emissora e dos comentaristas que tem capacidade de convocar.

2.1.1 Alguns tipos de coberturas

No telejornalismo, as imagens são fundamentais, a característica do telejornalismo é exibir as imagens dos acontecimentos o mais próximo de sua ocorrência. Embora existam notícias sem imagens, as **notas peladas** ou as **notas pé** que são comentários ou complementos das reportagens exibidas, o que interessa para o telejornal - além dos acontecimentos de última hora - é poder exibir imagens. Por isso, no telejornalismo, o principal critério para um fato se transformar em notícia é o seu potencial de fornecer imagens. Outro critério de seleção remete ao tipo de fatos a serem selecionados para se transformarem em notícia no telejornal: 1) **factuais** – ou seja, as notícias do dia e que precisam estar no noticiário; 2) **stand-by** ou **reportagens/matérias de gaveta** – que embora sejam interessantes, não perde a validade podendo ser apresentadas em qualquer outro momento⁵. Ainda outra característica importante de destacar é que, independente do modo como é realizada a emissão, ou seja, se *gravada* ou *ao vivo*, o conceito de cobertura em telejornalismo não muda, o que muda são seus **modos** ou formas de produção. Classificam-se, assim, os tipos mais comuns de ocorrência de **coberturas em telejornalismo**. O primeiro seria quando a ocorrência se dá no **interior dos programas**, sendo assim, poderiam ser: a) **reportagens pré-produzidas**: podendo ocupar um bloco ou mais do telejornal pautando o tema sob diferentes aspectos, através de reportagens previamente produzidas; b) **reportagens pré-produzidas e atualizações**: com entradas **ao vivo**: - podendo utilizar-se da pré-produção, mas atualizando, *ao vivo*, com passagem ou *stand-up*, as últimas informações sobre o tema recoberto com repórteres no local de ocorrência do acontecimento; c) **ao vivo do acontecimento**: 1) quando o fato é imprevisto; 2) quando o fato é previsto. Ações comuns: a) desloca-se uma equipe que possa operar e transmitir o fato, *un direct*, utilizando-se de entrevistas e comentários ao longo da emissão (este tipo não recorre às reportagens, mas a especialistas que ajudam a compreender o que se está transmitindo); b) é apresentado, ininterruptamente, as imagens do fato e os seus desdobramentos,

⁵ Sobre os critérios de seleção dos fatos para tornarem-se notícia na tevê, pode-se consultar o artigo apresentado no ALAIC 2010, integrante dos ANAIS do evento, de autoria de Cárilda Emerim, intitulado *A notícia na televisão: do fato ao acontecimento*.



recorrendo a falas de apresentadores e de comentaristas convidados para construir a informação; c) ocorrem sob três aspectos: 1) depois do fato ocorrido, acompanham simultâneo à sua ocorrência até esgotar seus desdobramentos, sem a inserção de intervalos comerciais; 2) depois do fato ocorrido, acompanham simultâneo à sua ocorrência até esgotar seus desdobramentos, mas o processo permite a inserção de intervalos comerciais; c) depois do fato ocorrido, acompanham simultâneo à sua ocorrência até esgotar seus desdobramentos, sendo que o processo permite não só a inserção de intervalos comerciais como também de reportagens produzidas e, até, vinhetas especiais construídas durante a emissão das primeiras informações.

Outro modo, embora se apresente com as mesmas características da anterior, recorre aos **depoimentos** e aos **comentários** dos especialistas, **organiza-se prevendo o espaço** das inserções **comerciais** e conta com **repórteres** que, espalhados em diferentes locais, **atualizam** e **agilizam** a emissão. Diante de todo este processo e implementação de estruturas, teríamos garantido, então, o êxito de uma cobertura de um fato em tempo real? Para responder a esta questão, é preciso trazer à discussão alguns exemplos mais pontuais, pois são ...

3. Exemplos que ajudam a pensar

Se pudermos fazer uma breve retrospectiva dos acontecimentos em que a televisão brasileira realizou coberturas diferenciadas, uma pesquisa inicial remonta ao início das emissoras de televisão no Brasil. E, neste percurso histórico, os **plantões** parecem sintetizar, em si, a definição de grandes coberturas. Na televisão, interromper a grade de programação que é “sagrada”, pois envolve a distribuição dos espaços comerciais (pagos e mantenedores da maioria das produções noticiosas) entre os programas fixos, já de imediato emite a mensagem que se trata de um acontecimento diferenciado, mais importante que os outros, pois, não pôde esperar para ser exibido em seu espaço tradicional: o noticiário mais próximo de sua ocorrência. Quando se propõe a realizar uma observação por sobre a história das emissões, logo se encontra dificuldades em acessar dados sobre as próprias emissoras de televisão no Brasil. Recorridamente estuda-se a **Rede Globo de Televisão**, pois esta mantém, há mais de 20 anos, uma preocupação em arquivar e contar a história de suas produções. O projeto **Memória Globo** não só disponibiliza, pelo *site* da emissora, informações históricas dos programas



como também, eventualmente, comercializa as próprias produções audiovisuais permitindo um arquivo de imagens.

Diante do exposto, o primeiro exemplo de grande cobertura televisiva que se pode averiguar que mais aparece em livros, artigos e comentários parece ter ocorrido em janeiro de 1966, quando o Rio de Janeiro sofreu com uma enchente sem precedentes para a época. A recém criada **TV Rio** ganhou prestígio junto da população porque realizou uma cobertura ininterrupta e, depois, ainda comandou uma ação de apoio às vítimas, numa campanha de arrecadação de fundos. Segundo algumas publicações que contam sobre a história da tevê brasileira disponíveis na internet, esta cobertura não fora planejada: Walter Clark, então diretor da **TV Rio**, sugeriu que os cinegrafistas do canal 4 mostrassem imagens do tempo com a chuva forte; ocorre que o volume de chuva foi aumentando e, logo, os problemas começaram a aparecer e a cobertura não pôde mais ser interrompida. Aliás, a própria emissora fora atingida quando seu auditório, localizado no Jardim Botânico, foi inundado pela enxurrada.

Um dos traços característicos que aqui aparece é o do **improviso**: parece que as grandes coberturas nascem de forma desavisada, de improviso, portanto, parecem viver por si só, de forma instintiva. Estas narrativas, enquadradas na categoria de *retrospectivas*, reiteram uma marca fundante da televisão brasileira, que tantos historiadores e biógrafos enfatizam: a tevê no Brasil nasceu sob o signo do improviso e aprendeu a conformar seus produtos sob esta premissa. Quando totalmente realizada ao vivo, descobria soluções “na hora”, pois o “show” não podia parar. Depois do videotape, restringiu as improvisações, sendo encontradas com mais frequência nas coberturas de tragédias e cataclismos, ou como diria Roland Barthes (1999), na cobertura de *fait-divers*⁶. Mas, mesmo para estes acontecimentos que não podem ser previstos ou planejados, a sua cobertura pode ser preparada, pois equipes podem ser treinadas para atuar em eventos desta natureza, com base no que já foi recoberto. E, além do mais, os resultados finais podem ser avaliados, contribuindo para qualificar os modos de abordagem destes fatos. Acredita-se que esta compreensão ainda falte ao

⁶ Expressão francesa que designa a rubrica sob a qual os jornais franceses publicam os acidentes, os pequenos escândalos, que não tem uma tradução ou palavra específica correspondente na língua portuguesa. Retirado do artigo “Estrutura da notícia”, In: BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999. Mais do que isso, a expressão *fait divers* faz parte de uma corrente teórica que defende a idéia de ser o critério de noticiabilidade dos mídias a informação extraordinária ou do excesso, como diz Adriano Rodrigues, ou do espetáculo, como afirma Baudrillard.



mercado de *broadcast* brasileiro que se estrutura, em muito, na repercussão das imagens para a manutenção do interesse sobre o tema.

Nos anos 80, outra cobertura que foi considerada a primeira grande cobertura da imprensa brasileira ocorreu com a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil, quando visitou 14 cidades. A Rede Globo de Televisão foi a emissora que obteve o monopólio na transmissão da visita e planejou (com a equipe oficial de recepção) cada detalhe, desde os trajetos a serem realizados pelas comitivas até a disposição dos cenários nos eventos para serem melhor captados durante a transmissão. Na maior parte do tempo, os comentários eram descritivos e impressionistas.

Outra grande cobertura que marcou a história da mídia brasileira ocorreu em 1994, por ocasião da morte do piloto brasileiro Ayrton Senna, num domingo, dia 01 de maio. O momento exato de sua morte foi mostrado em transmissão direta, ao vivo e em tempo real, no acidente que aconteceu durante a transmissão do Grande Prêmio de Imola, na Itália. Na RGT, que transmitia ao vivo a corrida, a confirmação oficial da morte veio somente depois, em forma de plantão de notícias, anunciada pelo repórter Roberto Cabrini, direto da Itália. A partir daí, foi realizada uma cobertura para os telejornais com longas reportagens cuja duração variava entre 8 e 10 minutos, plantões durante toda a programação da emissora que irrompiam os programas dominicais. O programa *Fantástico* precisou agilizar suas equipes para poder emitir todas as informações sobre a morte que havia ocorrido na tarde daquele mesmo dia. Os noticiários da emissora, do dia seguinte, exibiram reportagens durante os seus telejornais e, no dia 05 de maio, a emissora fez a cobertura do cortejo fúnebre e do enterro do piloto, de forma ininterrupta, com a ancoragem de William Bonner⁷.

Não só a Rede Globo tratou do tema, mas ela foi a que mais repercutiu devido a sua estrutura internacional, de acompanhamento sistemático do evento e, também, pelo acesso que seus repórteres e comentaristas tinham ao piloto brasileiro e sua família e amigos. Neste evento, considerado por muitos como a grande catarse de sofrimento nacional protagonizado pela mídia televisiva, William Bonner declarou, num determinado momento da longa cobertura que mostrava o traslado do corpo pelas ruas da cidade de São Paulo, que iria ficar em silêncio, porque naquele momento, não tinha mais nada a dizer. Esta atitude provoca uma interpretação dos analistas que pode ter três perspectivas: a) a primeira, mais comum, porque não havia mais informações novas a

⁷ Publicitário, Bonner é hoje editor chefe do Jornal Nacional, o mais antigo telejornal no ar na televisão brasileira e apresentador fixo do programa junto com a esposa, a jornalista Fátima Bernardes.



ofertar; b) a segunda, mais subjetiva, porque havia se emocionado com o acontecimento e precisava de um tempo para “respirar”, recompor-se; c) a terceira, mais técnica e que remete a natureza do televisivo, porque houve, naquele momento, a supremacia das imagens por sobre o que se poderia dizer sobre elas. Embora se levante estas hipóteses, têm-se, ao mesmo tempo, a convicção de que não se pode recuperar as intenções dos atos e acontecimentos e que muito pouca coisa ocorre por acaso em termos de produção televisiva.

José Bonifácio Oliveira Sobrinho, o Boni, um dos maiores profissionais da televisão brasileira, em tom desafiador, ao comentar sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, cita essa “grande” cobertura: *o último programa de TV a fazer algo novo foi o Bin Laden*⁸. Por trás da ironia fina, existe uma crítica séria e profunda aos atuais modelos de programação televisiva e de cobertura jornalística. Mas, não se pode negar que os Atentados Terroristas de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, constituíram-se num “divisor de águas” por sobre as rotinas produtivas das coberturas televisivas. Do ponto de vista do acontecimento, em si mesmo, a mídia televisão viu-se a frente de um tipo já conhecido, afinal, eles foram um evento extratelevisivo, de caráter inesperado. Para este tipo de cobertura, a mídia televisão já tinha um modo de cobertura, que foi aplicado seguindo o roteiro previamente estabelecido para acontecimentos imprevistos. Mas, dada a grandiosidade e a gravidade da tragédia, a cobertura que foi capaz de oferecer ficou, em parte, comprometida. Num primeiro momento, as emissoras brasileiras e as internacionais a que se teve acesso a partir da Rede CNN permaneceram estupefatas, mostrando-se incapazes de dotar de sentidos os acontecimentos e, portanto, impossibilitadas de *veicular informações*. Assim, a televisão acabou exibindo cenas nos moldes de funcionamento de câmeras de vigilância, sem mobilidade, centrando-se nas imagens dos prédios atacados, numa tentativa de mostrar qualquer movimento/mudança que houvesse naquele restrito enquadramento. A televisão, ao transmitir um acontecimento ao vivo, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência, demonstrou seu despreparo para conferir a esse material o tratamento que ele exigia. Aqui se retoma uma discussão relevante sobre a televisão, fundada nesta noção comum de que a tevê é um meio essencialmente imagético e que, portanto, a imagem é mais importante que o som. Quase todos os manuais de produção televisiva iniciam pelo provérbio chinês *uma imagem vale mais do que mil palavras*.

⁸ Citação retirada da palestra proferida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 19 de outubro de 2009.



Pois bem, ao observar aquelas coberturas televisivas que realizaram transmissão ao vivo, em tempo real e simultâneo à sua ocorrência, do atentado terrorista e suas repercussões, pôde-se observar como a imagem carecia de som. Mesmo diante de imagens tão ricas⁹, a televisão recorreu às palavras, e, mais ainda, na maioria das vezes, as imagens do atentado serviram para “ilustrar” as entrevistas ou *off’s*, pois era o que estava sendo dito que poderia construir a informação, dotar de sentido o acontecimento.

Outra cobertura que se pode citar é a realizada sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2010, na África do Sul. O investimento das emissoras brasileiras (e, aqui, n/ao só a RGT) no aparato tecnológico não trouxe inovações na ordem do discurso, nos modos de contar as narrativas, estas continuaram sendo baseadas nas acepções mais superficiais, mostrando e contando sobre o entorno do evento e, poucas com aprofundamento, sobre o acontecimento em real, ou seja, os jogos e o que dele se acercava. De um modo geral, as edições das reportagens que foram inseridas nos telejornais demonstravam a edição primitiva – aquela que remete ao tempo no qual não se tinha recursos técnicos e expressivos, quando era necessário ao repórter fazer vários boletins numa só reportagem para montar a edição mais rápida. Outra estratégia utilizada recorridamente, foi a de construção discursiva de transmissão ao vivo e em tempo real, quando, de fato, o que se estava exibindo havia sido gravado alguns instantes antes de sua exibição, o famoso *pedalado*, na gíria de mercado. Ao mesmo tempo em que os computadores e a conexão com a internet ocupavam um espaço real e de tempo no interior dos programas, simulando a conexão direta com o telespectador – uma poderosa estratégia da simulação da interatividade.

O aparato tecnológico e a convergência midiática (do ponto de vista da agregação de diferentes recursos de captação e de reprodução de imagens e sons dos acontecimentos) servem para mostrar imagens dos inesperados, mas a construção discursiva completa da informação não acompanha a velocidade desta exibição. O acidente com um ônibus no ABC Paulista no qual o veículo caiu de uma elevada de uma altura de cerca de cinco metros e, depois da queda, foi atingido por um trem, deixando 15 feridos. Esse acidente cuja cobertura foi exibida em várias emissoras, careceu muito de informações. Na RGT, foi exibido com emissões informativas no interior dos programas **Mais Você** e **Bem Estar**. Uma das atualizações apresentadas pela jornalista

⁹ Sem emitir juízos de valor sobre as imagens trágicas e de sofrimento, neste caso, a expressão refere-se única e exclusivamente à discussão do modo de cobertura, na direção de se compreender a força de uma imagem televisiva e o seu tratamento discursivo.



Sandra Annenberg, as imagens do helicóptero da emissora mostravam em giro de 360 graus de cobertura aérea, mostrando todos os ângulos, com maior foco e aproximação, os veículos envolvidos, os socorristas tirando a terra na qual o ônibus ficara enterrado, detalhes dos destroços, de profissionais envolvidos, das imediações, do trânsito congestionado, enfim. Enquanto este show de imagens era exibido, a jornalista falava ininterruptamente, porém as informações eram superficiais, de possibilidades e de perspectivas parciais sobre vítimas, reflexos e prospecções. Mais uma vez, as imagens oriundas da avalanche tecnológica abrem tantas possibilidades que a investigação e a construção discursiva não conseguem acompanhar a imediatez e a velocidade desta exibição do real. Mas é preciso estar ao vivo, mostrar agilidade e presença no fato, estar direto do local do acontecimento, reiterando suas potencialidades tecnológicas, mesmo que não se tenha nada a dizer.

4. Alguns *insights* à guisa de conclusões

Qual seria o futuro do telejornalismo e das “grandes” coberturas em um mundo de desafios pós-modernos? Segundo Terry Heaton, em artigo recente para *Donata Communications*, a única resposta é um jornalismo mais participativo. O que não significa os jornalistas tendo que fantasiar-se no carnaval para fazerem suas matérias nem tampouco correrem maratonas para cobrir a participação de equipes brasileiras. Trata-se de uma nova proposta de abordagem e produção, um novo modelo onde o telespectador “participa” da seleção e da produção das notícias, das coberturas, sendo estas grandes ou pequenas. O jornalismo em tempos pós-modernos passa a ser uma obra-aberta. Em vez de pensar em termos de um autor único que dita verdades em um modelo bom para todos, temos a criação de espaços jornalísticos de discussão onde os leitores reconstróem as notícias e acrescentam valor às informações. É nesta perspectiva que poderíamos questionar o modelo tradicional de “grande” cobertura televisiva, indagando-nos sobre a existência de uma racionalidade alternativa, assente numa relação diversa com os que acreditamos ser possível como uma abertura de espaços.

A comunicação interativa via jornalismo digital pode ser uma hipótese de capitalização e reflexo da carência informacional do público das tevês abertas em relação a seus conteúdos e, principalmente, em relação ao que chamamos de “grandes” coberturas. Afinal, a nova geração de usuários de meios digitais estabelece um comportamento diferenciado, mais participativo e em regime de *multitarefa*s ao assistir



televisão. Na transição digital, o aparelho de tevê se confunde com o computador, cria um híbrido, o *teleputer* e um novo conceito de recepção. Segundo Eli Noam (2004), a audiência tende a se transformar em *viewers*, combinação das palavras *viewer* (espectador) e *browser* (pesquisador), em uma televisão na Internet. A inevitável revolução da informática, que modifica em profundidade a comunicação de massa, na atualidade absorvida pelas grandes redes de televisão apenas no seu fator técnico de qualidade de imagem, provoca uma nova configuração nas funções da mídia e no conceito inovador de “audiência participativa” para os telejornais. As “grandes” redes de tevê e as “grandes” coberturas jornalísticas continuarão existindo, mas a participação do público através de novas ferramentas como o telefone celular e as redes sociais como *Facebook*, *Orkut* e *Twitter* passarão a predominar sobre o modelo telejornalístico tradicional ou o modelo CNN (uma única rede de tevê fala e mostra imagens para um mundo silencioso e passivo). Como exemplos a serem citados, pois suscitam a reflexão, foram os obstáculos e as dificuldades ou, até mesmo, o fracasso da “grande” cobertura dos últimos eventos da Primavera no Oriente Médio (levantes populares em países como a Tunísia, Egito, Yêmen, Líbia e Síria) no modelo tradicional com hierarquia verticalizada (predominância das grandes redes de TV) e controle absoluto (censura de Estado das transmissões televisivas internacionais) indica o caminho do futuro. O novo modelo de cobertura jornalística televisiva de grandes eventos aponta a importância da participação de novos atores sociais, os manifestantes com novas ferramentas digitais poderosas, os celulares e a Internet apoiados pela nova cultura informacional das redes sociais. Até porque, parece inevitável que, em pouco tempo, ao vivo, alguém possa contestar uma notícia divulgada como verdade absoluta nos nossos telejornais. Mas este é apenas o começo de uma longa discussão.

5. Referências bibliográficas

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.
- ARRAES, Guel. “*Hollywood, a chanchada e a televisão: Rouch, Godard e o cinema*”. In: **Cinemais**, número 5/maio/junho. Rio de Janeiro: Funarte, 1997, p. 29.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- CASSETTI y CHIO, Federico di Francesco. **Análisis de la televisión – instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d’information médiatique: la construction du miroir social**. Paris: Nathan, 1997.



DÍEZ y ABADÍA. José Martínez y FERNANDÉZ, Federico. **Manual básico de language y narrativa audiovisual**. Barcelona: Paidós, 1999.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**. São Paulo: Estação das Letras, 2008.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1997.

JOST, François. **Introduction à l'analyse de la television**. Paris: Ellipses, 1999.

LACALLE, Charo. **El lugar del espectador en el texto televisivo**. São Leopoldo: Unisinos, 2000, polígrafo.

LAGO, Marcia Benetti e Claudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Fernando Barbosa. **Nossas câmeras são seus olhos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

LOCHARD, G. e BOYER, H. **Notre écran quotidien: une radiographie du télévisuel**. Paris: L'Harmattan, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

REQUENA, Jesus Gonzalez. **El discurso televisivo: el espectáculo de la posmodernidad**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1987.

TOURINHO, Carlos. **Inovação no Telejornalismo**. Vitória: EspaçoLivro, 2009.

VÉRON, Eliseo. **Construir el acontecimiento**. Barcelona: Gedisa, 1995.

WOLTON, Dominique. **Elogio del gran público: una teoría crítica de la televisión**. Barcelona: Gedisa, 1995.

Materiais obtidos na Web

CHANDLER, Daniel. *The grammar of the television and film*. <http://www.aber.ac.uk/~dgc/gramtv.html>, acessado em 12 de junho de 1999.

NOAM, Jo GROEBEL, Darcy GERBARG e Eli M.. **Internet television**. (2004). From Amazon.com, acessado por tablet, em 22 de maio de 2011.

Cobertura sobre a enchente do Rio de Janeiro em 1966

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYNO-5273-256698,00.html>;

acessado em 18 de junho de 2011. OBS: Outros sites de diferentes naturezas foram acessados e todos reiteravam esta mesma versão, sendo que não serão aqui listados em função do espaço restrito do *paper*.

Cobertura visita do Papa João Paulo II ao Brasil

<http://fantastico.globo.com/platb/fantastico30anosatras/2010/07/13/visita-do-papa-joao-paulo-ii-marca-a-primeira-grande-cobertura-da-imprensa-brasileira/>; acessado em 21 de junho de 2011.

http://www.abril.com.br/noticia/diversao/no_229807.shtml; acessado em 04 de junho de 2011.

Cobertura morte de Ayrton Senna

almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1331.html; acessado em 12 de maio de 2011.

<http://www.youtube.com/watch?v=c7vsbBJFQ5A>; morte de Ayrton Senna no Jornal Nacional, (RGT), exibido em 02 de maio de 1994, acessado para o trabalho em 23 de junho de 2011.

<http://www.youtube.com/watch?fCO0DgwMFqo>; morte de Ayrton Senna no Jornal Hoje, (RGT), exibido em 02 de maio de 1994, acessado para o trabalho em 23 de junho de 2011.